

# ÉTICA, RELIGIÃO E CAPITALISMO: UMA LEITURA À LUZ DE MAX WEBER<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo retoma, amplia e aprofunda o debate sobre as relações entre ética, religião e capitalismo, já presentes em outros trabalhos de nossa autoria, dialogando, principalmente, com Max Weber (1864-1920), através de sua obra intitulada *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*, alçada aqui e agora à condição de fonte primária. A descrição e a análise dos conceitos de ética, religião e capitalismo, bem como das interações entre esses conceitos, estão fundamentadas também em obras de outros autores clássicos e contemporâneos, situados nas áreas da Filosofia e das Ciências Sociais, escolhidos como fontes secundárias. As informações obtidas por meio dessas fontes são tratadas sob a ótica da análise de conteúdo construída, no caso deste artigo, por meio de interpretações e comentários, elaborados a partir de recortes da fala contida em um *discurso* escrito. O texto desdobra-se nos passos seguintes. Uma introdução, em que se delimitam as fronteiras da reflexão. Um desenvolvimento, no qual são apresentados alguns diálogos de M. Weber com as principais lideranças das seitas religiosas originárias da Reforma Protestante, iniciada no século XVI; as conexões de sentido entre a doutrina dos reformadores e os hábitos de comportamento dos membros dessas seitas; as articulações de significado do ensinamento dos reformadores e das práticas de seus seguidores com o *espírito do capitalismo* moderno (procura racional do lucro, apropriação racionalmente efetuada, ação econômica racionalmente calculada). Destaca-se ainda, neste momento, uma reflexão sobre os conceitos de racionalidade, ação econômica capitalista, Estado moderno, em meio de outros. Entre as conclusões distingue-se, sobretudo, a contribuição de Max Weber para se comprovar a existência de uma ética muito especial capaz de orientar o processo de produção, circulação e consumo de bens reais e simbólicos. Dentre os fundamentos dessa ética, incluem-se os seguintes princípios: confiabilidade, dedicação ao trabalho, sobriedade e pontualidade.

**PALAVRAS- CHAVE:** Ética. Capitalismo. Religião. Estado. Seita.

## ETHICS, RELIGION AND CAPITALISM: AN INTERPRETATION BASED ON MAX WEBER<sup>1</sup>

Geraldo Ribeiro de Sá<sup>2</sup>

## ABSTRACT

This article incorporates, expands and deepens the debate about the relationship between ethics, religion and capitalism, already present in other works by the authors, especially based on M. Weber (1864-1920), mainly through his work *The Protestant ethics and the "spirit" of capitalism*, raised here and now to the condition of primary source. The description and analysis of the concepts of ethics, religion and

---

<sup>1</sup> Neste artigo, o leitor encontrará certos conceitos e outras passagens existentes no trabalho de nossa autoria intitulado *Non multum sed multa: falando sobre ética*, publicado em CADERNOS – CERU, Série 2, N. 17, p. 53-67. São Paulo: CERU/USP, 2006.

Note In this article, the reader will find certain concepts and other passages existing in the work titled *Non multum sed multa: falando sobre ética*, published in CADERNOS - CERU , Series 2, No. 17, p. 53-67. Sao Paulo: CERU/USP, 2006.

capitalism, as well as the interactions between these concepts, are also based on works of other classic and contemporary authors, located in the fields of Philosophy and Social Sciences, which were chosen as secondary sources. The information obtained from these sources are treated from the perspective of content analysis which was built, in the case of this article, from interpretations and comments made from excerpts of speech contained in a written *discourse*. The text unfolds in the following steps: An introduction, where the boundaries of reflection are outlined; a development, where some of M. Weber's dialogues are presented with the main leaders of religious sects originating in the Protestant Reformation, which began in the sixteenth century; connections of meaning between the doctrine of the Reformers and the habits of behavior of members of these sects; the interactions of meaning in the teaching of the Reformers and the practices of their followers with the *spirit of modern capitalism* (rational pursuit of profit, rationally made ownership, rationally calculated economic action). Another reflection on the concepts of rationality, capitalist economic action, modern State, amid others, is enhanced at this moment. Among the findings the contribution of Max Weber takes prominence to prove the existence of a very special ethics that is able to guide the process of production, circulation and consumption of real and symbolic goods. Among the reasons for this ethics, the following principles are included: reliability, hard work, sobriety and punctuality.

**KEYWORDS: ETHICS, CAPITALISM, RELIGION, STATE, SECT**

## **INTRODUÇÃO**

### **O tema e a justificativa**

A motivação para se elaborar este e outros artigos sobre a ética teve início por ocasião do convite formulado pela ADESG/JF (Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra), seção de Juiz de Fora (MG), com a finalidade de pronunciar uma conferência para seus estagiários, em setembro de 2013.

Ao longo das leituras desenvolvidas, sentiu-se a necessidade de se deter especialmente na obra de Max Weber intitulada *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*, uma vez que nesse livro, o autor apresenta as origens de uma ética especial para orientar as maneiras de sentir, pensar e agir dos agentes econômicos, políticos e sociais, nas sociedades modernas em que prevaleça a maneira capitalista de produzir, distribuir e consumir bens ou riquezas de todos os tipos e valores reais ou simbólicos.

Algumas questões iniciais devem ser formuladas.

Ainda se deve ler M. Weber, nos dias de hoje?

Ainda se deve ler um autor do final do século XIX e início do século XX que estudou brilhantemente a Reforma Protestante, iniciada nos começos do século XVI, buscando detectar conexões de sentido entre certos princípios éticos pregados e cultivados pelos reformadores cristãos com normas de conduta também pregadas e cultivadas pelos ideólogos e agentes econômicos pertencentes à fase do capitalismo moderno? Ou em outros termos, certos nexos entre a ética protestante e o *espírito* do capitalismo?

A reflexão sobre a racionalidade ainda tem espaço, neste momento do século XXI, no qual, em todo momento e lugar, prega-se, cultiva e difunde-se o reinado da paixão e da emoção? Tempos em que a subjetividade predomina sobre a objetividade? O imprevisível sobre o cálculo, o consumo sobre a poupança, o ócio sobre a laboriosidade, o direito sobre o dever, o público sobre o privado, o individual sobre o coletivo, a indiferença sobre a crença, o desonesto sobre o honesto?

A resposta, ainda que sucinta, sob o ponto de vista do autor deste artigo, é a de que ainda se deva ler, por muitas e muitas vezes, a obra intitulada *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. Embora o livro em questão tenha sua versão definitiva publicada, pela primeira vez, em 1920, portanto, há quase 100 anos, sua leitura revela, por um lado, a existência de algumas informações já ultrapassadas, mas por outro, até então traz muitas mensagens sumamente úteis aos leitores, durante os dias atuais. Mensagens como a importância e a dignidade do trabalho, a organização na distribuição do tempo, a moderação no consumo, os riscos do endividamento descontrolado, a distinção entre interesse individual e coletivo, a pontualidade no cumprimento do dever, o respeito à legalidade, o dinheiro ganho honestamente, o enriquecimento ilícito, a formação profissional, entre muitas outras, são contribuições sumamente importantes para se viver e conviver com certa tranquilidade, na sociedade contemporânea.

## **Problema e metodologia**

A reflexão e o debate referentes aos princípios orientadores da conduta social sempre fizeram parte dos temas mais recorrentes de um passado remoto e, com certeza, também se destacam nas ponderações e discussões dos dias atuais, em

âmbito privado e público, no Estado e na sociedade civil, nas igrejas e entre leigos, nos grandes e nos pequenos grupos, em casa e na rua, bem como noutros espaços.

O presente artigo pretende contribuir especialmente com as questões relacionadas à ética, um dos princípios orientadores da conduta social, retomando-se o pensamento do alemão M. Weber (1864-1920), universalmente reconhecido como um dos fundadores das Ciências Sociais, encontrado principalmente em seu livro intitulado *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*, o qual veio a público “em 1904 e 1905 e em versão final em 1920, ano também final”<sup>2</sup> de sua vida.

Com a finalidade de se descrever e analisar o conceito de ética consultou-se o livro de M. Weber, já mencionado, além de obras de autores clássicos e contemporâneos, situados nas áreas da Filosofia e das Ciências Sociais. Após a leitura de cada texto consultado, foram feitas anotações em fichas dos recortes a serem usados na feitura do artigo. Elaboradas as devidas anotações, elas foram tratadas à luz das orientações da técnica da “análise de conteúdo”<sup>3</sup> construída, no caso deste trabalho, por meio de interpretações e comentários realizados com base nos recortes extraídos da fala escrita dos autores lidos.

## DESENVOLVIMENTO

*“Poder levar uma vida sempre alerta, consciente, clara, ao contrário do que se fala em muitas das representações populares, era a meta; eliminar a espontaneidade do gozo impulsivo da vida, a missão mais urgente; botar ordem na*

---

<sup>2</sup> WEBER M. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Trad. de José Marcos Mariani de Macedo; revisão técnica, apresentação entre outras contribuições de Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia de Letras, 2004, p. 9. Neste artigo estão sendo citadas duas traduções, diretas do alemão, deste livro de Max Weber. Uma dessas traduções foi feita por José Marcos Mariani de Macedo; revisão técnica, apresentação e outras contribuições de Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia de Letras, 2004, em que a palavra “espírito”, no título da obra, aparece entre aspas. Essa tradução, além de outras vantagens, traz uma excelente apresentação feita por Fálavio Pierucci e um utilíssimo índice remissivo. A outra tradução foi feita por Irene de Q. F. Szmrecsáyi e Tomás J. M. K. Regis Barbosa Szmrecsáyi. São Paulo: Pioneira, 1983, em que a palavra espírito, no título da obra, aparece sem aspas. Essa tradução tem, como vantagem sobre a primeira mencionada, o fato de trazer a introdução feita à obra pelo próprio M. Weber, em 15 páginas.

<sup>3</sup> Originariamente “A análise de conteúdo é um método de pesquisa usado para analisar a vida social mediante interpretação de palavras e imagens contidas em documentos, filmes, obras de arte, música e outros produtos culturais e da mídia”, conforme consta em JOHNSON, A. G. *Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica*. Trad. de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 12.

*conduta de vida de seus seguidores, o meio mais importante da ascese”<sup>4</sup>.*

## **Construção do conceito de ética**

De acordo com o entendimento do autor deste artigo, M. Weber, quando escreveu o livro intitulado *A ética protestante e o espírito do capitalismo*,<sup>5</sup> conforme já se afirmou, tinha como preocupação central compreender algumas conexões de sentido existentes entre a ética, constituída em decorrência da “Reforma protestante alemã”<sup>6</sup>, e o capitalismo moderno<sup>7</sup>. Ao mesmo tempo em que este cientista social detinha-se no processo de compreensão do moderno ethos econômico, observando, detectando e refletindo sobre as conexões de sentido existentes entre as ações dos agentes religiosos e dos agentes econômicos, ele desvendava também a formação e a consolidação de uma ética muito especial elaborada, em seu conjunto, sob a liderança de Martinho Lutero (1483-1546), João Calvino (1509-1564) e outros reformadores.

Nunca se deve esquecer, todavia, de que o sentido e as conexões de sentido existentes, entre a ética protestante e o *espírito do capitalismo*, por exemplo, são vínculos descobertos e construídos pelos cientistas sociais, com destaque para as pesquisas feitas por M. Weber. Pois, conforme muito bem expressou esse autor, “o próprio Lutero teria repudiado violentamente qualquer parentesco com uma

---

<sup>4</sup> WEBER M. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Trad. de José Marcos Mariani de Macedo, com revisão técnica, apresentação e outras contribuições de Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia de Letras, 2004, p. 108-109.

<sup>5</sup> Nota 6 WEBER M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 3 ed. Trad. de Irene de Q. F. Szmrecsáyi e Tomás J. M. K. Regis Barbosa Szmrecsáyi. São Paulo: Pioneira, 1983.

<sup>6</sup> ENGELS, F. *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. Trad. de Armandina Venâncio. 7 ed. São Paulo: Global, 1985, p. 16-20. F. Engels cita três grandes batalhas decisivas da burguesia europeia contra o feudalismo: a 1ª, a Reforma protestante alemã; a 2ª, Iniciada na Inglaterra pela burguesia urbana, mas cujo triunfo coube aos camponeses médios e a 3ª, a grande Revolução Francesa.

<sup>7</sup> Em síntese, os componentes constitutivos do capitalismo moderno, que o distinguem de todas as demais formas anteriores de produção, circulação, consumo e acumulação de riquezas, podem ser agrupados da forma seguinte: “[...] procura renovada do lucro através das oportunidades de troca formalmente pacíficas [...] apropriação racionalmente efetuada [...] ação econômica racionalmente calculada em termos de capital [...] organização capitalista racional assentada no trabalho livre [...] contabilidade racional [...] separação da esfera pública da doméstica [...] instituição de bolsas de valores [...] organização racional do trabalho [...] estruturas racionais do direito e da administração [...] articulação entre ciência e técnica [...] e o moderno ethos econômico”. Essa síntese foi feita pelo autor deste artigo a partir de WEBER M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 3 ed. Trad. de Irene de Q. F. Szmrecsáyi e Tomás J. M. K. Regis Barbosa Szmrecsáyi. São Paulo: Pioneira, 1983, p. 1-15.

mentalidade como a de Franklin”<sup>8</sup>, personagem escolhido pelo próprio M. Weber, com a finalidade de representar de forma típica o *espírito do capitalismo*, ao construir suas célebres sentenças morais, que serão apresentadas e discutidas mais adiante. Aliás, “A salvação da alma era o único ponto angular”<sup>9</sup> da vida e obra dos reformadores. Muito mais tarde, já no século XX, neste mesmo sentido escreveu F. B. de Ávila: a “Reforma Protestante visava restaurar o Cristianismo em sua pureza evangélica deturpada pela Igreja Romana”<sup>10</sup>. Como se pode perceber, o *espírito do capitalismo* ou a mentalidade capitalista juntamente com sua respectiva ética podem ser considerados como se fossem efeitos não previstos, não desejados e, em certos momentos, até opostos aos interesses das igrejas reformadas e idealizadas pelos fundadores protestantes.

Em atenção aos seus objetivos, o autor em discussão iniciou sua tarefa indagando-se a respeito de alguns elementos culturais capazes de fazê-lo compreender as origens da “formação econômica e social”<sup>11</sup> denominada capitalismo, ou seja, detectar mais particularmente “as relações entre as ideias e atitudes religiosas, por um lado, e as atividades e organizações econômicas correspondentes, por outro”<sup>12</sup>. Por sua vez, a análise das raízes econômicas e da estrutura do capitalismo já tinha sido feita de maneira satisfatória por diversos autores, entre os quais se destacou Karl Marx (1818-1883)<sup>13</sup>. Para facilitar a compreensão e a caracterização dos princípios culturais em questão, M. Weber formulou a indagação seguinte:

---

<sup>8</sup> *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 3 ed. Trad. de Irene de Q. F. Szmrecsáyi e Tomás J. M. K. Regis Barbosa Szmrecsáyi. São Paulo: Pioneira, 1983, p. 34.

<sup>9</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 60.

<sup>10</sup> ÁVILA, F. B. de. Pequena enciclopédia de moral e civismo. Rio de Janeiro: Departamento Nacional de Educação e Cultura/ Companhia Editora Nacional, 1967, p. 422.

<sup>11</sup> Aqui se está utilizando a expressão “formação econômica e social”, preferida por Godelier, a quem “ela parece útil acima de tudo na análise das realidades históricas *concretas*” (1973). GODELIER, M., Apud BOTTOMORE, T. Dicionário do pensamento marxista. Trad. de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1988, p. 159

<sup>12</sup> Nota 13 WEBER, MAX. Textos selecionados. Trad. de Maurício Tragtenberg et al. São Paulo: Abril Cultural, 1985, p. XII. Outras análises focalizando as relações entre a religião e o capitalismo destacam-se, como a de TAWNEY, R. H. A religião e o surgimento do capitalismo. Trad. de Janete Meiches. São Paulo: Perspectiva S. A, 1971.

<sup>13</sup> Entre as obras de K. Marx nas quais são analisadas principalmente as raízes econômicas e o desenvolvimento do capitalismo, de forma profunda e ampla, qualitativa e quantitativamente, destaca-se *O capital: crítica da economia política*. 6 Volumes. Trad. de Reginaldo Sant’Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968 e São Paulo: DIFEL, 1985.

No estudo de qualquer problema da história universal, um filho da moderna civilização europeia sempre estará sujeito à indagação de qual a combinação de fatores a que se pode atribuir o fato de na Civilização Ocidental, e somente na Civilização Ocidental, haverem aparecido fenômenos culturais dotados (como queremos crer) de um desenvolvimento universal em seu valor e significado<sup>14</sup>.

Nessa indagação inicial, estão presentes algumas características da moderna civilização, ou seja, ela é de origem europeia, ocidental e com tendência à universalidade em seu valor e significado. A moderna civilização, por sua própria natureza, tende a se expandir por todo o mundo, não só ocidental, mas também oriental, levando consigo e, quase sempre, impondo ao meio aonde chega as suas maneiras de sentir, pensar e agir, consideradas perfeitas e melhores sob seu ponto de vista. Essa forma de civilização, segundo M. Weber<sup>15</sup>, contém fenômenos culturais próprios, entre os quais se destacam a ciência, a teologia sistemática, a história conforme o método iniciado por Tucídides, a teoria política começada por N. Maquiavel e em conformidade com o método sistemático de Aristóteles, as estruturas racionais do direito e da administração, a arte, com distinção da música, pintura, arquitetura avançada, ao ponto de construir racionalmente a abóboda gótica, as universidades, onde profissionais especializados produzem, ensinam e praticam o conhecimento científico também racional e particularizado.

O tipo de funcionário especializado propiciará da mesma forma o surgimento, no Ocidente, da economia, da contabilidade, do cálculo racional e do Estado moderno, cujo modelo encontra-se definido como uma “entidade política, com uma Constituição racionalmente redigida, um Direito racionalmente ordenado e uma administração orientada por regras racionais, as leis, administrado por funcionários especializados”<sup>16</sup>.

---

<sup>14</sup> WEBER M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 3 ed. Trad. de Irene de Q. F. Szmrecsáyi e Tomás J. M. K. Regis Barbosa Szmrecsáyi. São Paulo: Pioneira, 1983, p. 1.

<sup>15</sup> Idem, *ibidem*, p. 1-5. Entre os clássicos das Ciências Sociais que trataram do processo de ocidentalização, além de outros, pode-se mencionar K. Marx e F. Engels, sobretudo em MARX, K. & ENGELS, F. *O manifesto comunista*. Trad. de Maria Arsênio da Silva. 16. ed. São Paulo: CHED, 1980, especialmente, no capítulo intitulado burgueses e proletários, p. 8-24. Sobre a tendência de ocidentalização do mundo, no passado e no presente, pode-se consultar, entre outros: IANNI, O. *A sociedade global*. 12 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 69-88.

<sup>16</sup> WEBER M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 3 ed. Trad. de Irene de Q. F. Szmrecsáyi e Tomás J. M. K. Regis Barbosa Szmrecsáyi. São Paulo: Pioneira, 1983, p. 4. Um comentário desta definição de Estado moderno encontra-se também em SÁ, G. R. de. *Ética, política e valores*. XXII CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI. SÃO PAULO: 13 a 16 de novembro de 2013, p. 8-9. Mais especificamente sobre a burocracia pode-se examinar, entre outras obras: WEBER, M. *Ensaio de sociologia*. (Org.) Hans Gerth e C. Wright Mills. 2 ed. Trad. de Fernando Henrique Cardoso. Rio de Janeiro: Zahar, 1971, p. 229-282.

Além do Estado, na civilização ocidental, também se constituiu a força mais significativa da vida moderna: o capitalismo moderno, cuja característica essencial assenta-se *na procura do lucro, de um lucro sempre renovado, da rentabilidade*, portanto toda organização empresarial, sobretudo privada, que não se pautar por esse princípio fundamental estará condenada a desaparecer. Além de ser um sistema de produzir, distribuir e consumir riquezas ou bens, o capitalismo pressupõe a existência de agentes econômicos que, nessa condição, praticam a ação de natureza também econômica, ou seja, ação fundada na expectativa de lucro através da utilização das oportunidades de troca, tanto no processo produtivo em que se permuta dinheiro por força de trabalho como no comércio, no qual se barganha dinheiro por mercadoria. Na ação econômica capitalista, o cálculo prevalece sobre a adivinhação, o racional sobre o emocional, o permanente sobre o ocasional, o sistemático sobre o individual.

Além de se organizar racionalmente, ou seja, de assentar-se na “previsibilidade”<sup>17</sup>, ou mesmo numa “equação direta entre meios e fins”<sup>18</sup>, ou ainda, orientar-se com base no cálculo de meios tecnicamente adequados para se obter fins e conseqüências também previsíveis e adequadas, o capitalismo moderno assenta-se no trabalho livre e não mais no trabalho do servo ou do escravo. Por esse e outros motivos, a contribuição da Revolução Francesa foi muito significativa para o sucesso do capitalismo moderno, uma vez que ela foi movida principalmente pelos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, o que resultara igualmente no processo de construção e afirmação do conceito de cidadania dos tempos modernos.

O capitalismo moderno fundamenta-se, da mesma forma, na empresa industrial, na prestação de serviços e no comércio, igualmente perpassados pela racionalidade. Noutros termos, faz-se o produto adequado para o mercado certo, produz-se a mercadoria tendo-se em vista o comércio, também, já de antemão definido. Na empresa capitalista deve-se, com efeito, separar juridicamente os interesses domésticos dos interesses do estabelecimento, ou seja, os bens pessoais dos bens empresariais. Nessas condições, a bolsa de valores mobiliários e

---

<sup>17</sup> COHN, G. *Crítica e resignação: os fundamentos da sociologia de Max Weber*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979, p. 80.

<sup>18</sup> BERLINCK, M. T. no prefácio ao livro de Max Weber, *ciência e política: duas vocações*. Trad. de Leônidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 1985, p. 10. A propósito das relações entre a religião e a racionalidade econômica, pode-se consultar, entre outras obras: COHN, G. (Org.). *Weber*. 3 ed. São Paulo: Ática (Col. Grandes cientistas sociais, sob a coordenação de Florestan Fernandes), 1986, p. 142-159.

imobiliários, reais e simbólicos, a qual representa uma das formas mais sublimes de especulação, do mesmo modo se curvará aos princípios da racionalidade.

Com o intuito de conectar princípios econômicos, próprios do capitalismo, aos princípios religiosos, responsáveis por orientações da conduta humana, e às expressões típicas do racionalismo contido na civilização ocidental, M. Weber escreveu: [...] “o racionalismo econômico, embora dependa parcialmente da técnica e do direito racional, é ao mesmo tempo determinado pela capacidade e disposição dos homens em adotar certos tipos de conduta racional”<sup>19</sup>.

M. Weber produziu longas e fecundas pesquisas com intuito de detectar os motivos de os homens desenvolverem capacidade e disposição para adotar certos tipos de conduta racional, como o cálculo, e também irracional, como a magia. No campo dessas pesquisas, destacou-se o conjunto de manifestações religiosas, situado na Europa Ocidental e denominado Reforma Protestante. Desse conjunto de manifestações religiosas, nasceram, desenvolveram e propagaram-se princípios que se transformaram em normas de pensar, agir e sentir racionalmente e em perfeita consonância com a racionalidade inerente ao capitalismo moderno. Usando as palavras do próprio M. Weber: “No caso, trata-se do exemplo das relações entre o moderno ethos econômico e a ética racional do protestantismo ascético”<sup>20</sup>.

Após construir uma carta geográfica e descrever os países europeus, nos quais aconteceu originariamente uma série de correlações entre o “moderno ethos econômico” e “a ética racional do protestantismo ascético”, M. Weber procedeu a uma ampla análise do movimento religioso denominado Reforma Protestante, iniciado na Alemanha em 1517, principalmente da “seita”<sup>21</sup> conhecida como calvinismo, em razão dos princípios elaborados pelo também reformador J. Calvino, bem como de sua expansão por Genebra e Escócia, no século XVI, Países Baixos, na Alemanha, nos séculos XVI e XVII, e também na Nova Inglaterra (nos Estados Unidos), no século XVII. Ao mapear os primeiros avanços territoriais dos princípios da Reforma Protestante, contidos no calvinismo e nas demais seitas, o autor descobriu várias conexões de sentido entre a filiação religiosa dos membros das igrejas reformadas e as classes socioeconômicas às quais estavam ligados. Em

---

<sup>19</sup> WEBER M. A ética protestante e o espírito do capitalismo. 3 ed. Trad. de Irene de Q. F. Szmrecsáyi e Tomás J. M. K. Regis Barbosa Szmrecsáyi. São Paulo: Pioneira, 1983, p. 11.

<sup>20</sup> Idem, ibidem, p. 12.

<sup>21</sup> WEBER M. A ética protestante e o “espírito” do capitalismo. Trad. de José Marcos Mariani de Macedo; revisão técnica, apresentação entre outras contribuições de Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia de Letras, 2004, p. 11.

outros termos, os membros das igrejas ou “seitas”<sup>22</sup>, mencionadas há pouco, em todos os lugares mapeados, distinguiram-se dos católicos pelo sucesso econômico, pela mentalidade e especialmente através da maneira de se conduzir nos negócios, no trabalho fabril, nos serviços, na política, na família, na escola, no lazer, na igreja e nas demais atividades do cotidiano.

A propósito da motivação para as diferenças de atitude e de sucesso a favor dos protestantes sobre os católicos, escreveu M. Weber: “A razão dessas diferentes atitudes deve, portanto, ser procurada no caráter intrínseco permanente de suas crenças religiosas, e não apenas em suas temporárias situações externas na história e na política”<sup>23</sup>.

A combinação da nova mentalidade, ou seja, do novo *ethos*, expresso em costumes e hábitos fundamentais, ou ainda, em maneiras de agir, pensar e sentir em sociedade e perante a si mesmos, compartilhadas pelos membros das seitas originadas da Reforma Protestante, foi denominado *espírito do capitalismo* por M. Weber. A respeito dessa expressão, escreveu seu autor: O “espírito do capitalismo” caracteriza-se como “uma individualidade histórica, isto é, um complexo de elementos associados na realidade histórica que unimos em um todo conceptual do ponto de vista de um significado cultural”<sup>24</sup>.

Com essa expressão, M. Weber refere-se, portanto, a uma combinação de vários elementos que, se isolados, são encontrados também em outros momentos da cultura, compondo outros fatos históricos. Por exemplo, a disciplina ascética, constituída por atividade espiritual, acompanhada de mortificação do corpo e da mente, bem como da meditação, já era comum nos mosteiros medievais organizados por São Bento (480-547 d. C)<sup>25</sup> e em outras ordens religiosas, como a companhia de Jesus (jesuítas), fundada por Santo Inácio de Loyola (1491-1556)<sup>26</sup>.

---

<sup>22</sup> À palavra “seita se atribui duas origens etimológicas: os verbos latinos sequi “seguir, ir atrás de, obedecer”, e secare, “cortar, separar cortando, dividir”. “Mediante processo seletivo altamente excludente, a seita separa, desencaixa os indivíduos de suas comunidades naturais, das redes sociais e valorativas da sua existência prévia e os mergulha num novo contexto grupal que demanda de cada membro adesão total e controle sobre os demais”. WEBER M. A ética protestante e o “espírito” do capitalismo. Trad. de José Marcos Mariani de Macedo; revisão técnica, apresentação entre outras contribuições de Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia de Letras, 2004, p. 290.

<sup>23</sup> WEBER M. A ética protestante e o espírito do capitalismo. 3 ed. Trad. de Irene de Q. F. Szmrecsáyi e Tomás J. M. K. Regis Barbosa Szmrecsáyi. São Paulo: Pioneira, 1983, p. 23.

<sup>24</sup> Idem, ibidem, p. 28.

<sup>25</sup> Assim escreveu São Bento em sua Regula: “A ociosidade é inimiga da alma; [...] por isso devem ocupar-se os irmãos com o trabalho manual, e com a leitura espiritual; [...] também no domingo entreguem-se todos à leitura menos aqueles que forem designados para os diversos ofícios. [...] Aos irmãos enfermos e delicados designe-se um trabalho ou ofício. Pela seguinte disposição (...) da

Os ensinamentos de São Bento foram hegemônicos para a vida monástica até o século XII e ainda são cumpridos por seus seguidores em pleno século XXI. Dentre esses ensinamentos, destaca-se o preceito de que a ociosidade sempre fora caracterizada como *a mãe de todos os vícios*. Para evitá-la, o santo descreveu e prescreveu rigorosamente as diversas maneiras de preencher todos os momentos do dia não só com o trabalho (manual e braçal) e com os ofícios (preces do dia), mas também com a leitura espiritual e as orações, isto é, com a exercitação do corpo, do intelecto e da *alma*; entretanto outros fatores ainda não eram somados a esses para se atingir ao que M. Weber definiu como sendo o *espírito do capitalismo*. Tratava-se apenas de uma cultura interna aos mosteiros e a certas ordens religiosas, e além do mais não se incluía, obviamente, seu *caráter secular*, isto é, aquilo que é “próprio do século, do mundo ou profano”<sup>27</sup>, entre outros elementos.

Os componentes do *espírito do capitalismo* foram-se constituindo, definindo, articulando e se manifestando como um fato histórico, dotado de organicidade e identidade própria, somente a partir da Reforma Protestante e de suas seitas, ou seja, de suas ramificações em diferentes denominações, com destaque para o calvinismo, o pietismo, o luteranismo, o metodismo e o movimento batista, entre outras subdivisões dotadas, inclusive, de autonomia entre si.

No entendimento de M. Weber, a expressão *espírito do capitalismo*, sendo uma individualidade histórica conforme já se mencionou, não se define nos termos da lógica formal, ou seja, em relação a um gênero próximo (ideia mais extensa) e a uma diferença específica (ideia menos extensa)<sup>28</sup>, mas é apenas caracterizada por uma combinação de elementos que se encontram, se somam e se articulam, dando origem a uma nova individualidade, dotada de identidade própria e situada num determinado momento da história.

---

Páscoa até o dia 14 de setembro, [...] trabalhem da primeira hora até cerca da quarta, [...]. Da hora quarta até [...] entreguem-se à leitura. Depois da sexta [...] refeição [...] repouso [...] se alguém quiser ler, leia para si. Celebra-se a Noa (corresponde às três da tarde) mais cedo [...] e de novo trabalhem no que for preciso fazer até à tarde, [...] são verdadeiros monges se vivem do trabalho de suas mãos, como também os nossos pais e os Apóstolos”. Conforme se pode observar, São Bento dividia em mínimos detalhes as tarefas com seus irmãos, de forma a ocupar todo o tempo dos monges. Os interessados podem consultar: *A regra de São de São Bento*. Trad. de D. João Evangelista Enout, O. S. B. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1980, p. 52-56.

<sup>26</sup> Veja-se a propósito da disciplina ascética, conforme Santo Inácio de Loyola, em BÔA NOVA, A. C. Fora da ordem: do claustro ao mundo secular. São Paulo: Cuore, 2013, sobretudo, o tópico intitulado “A carne castigada”, p. 104-110 e outras passagens.

<sup>27</sup> Veja-se a propósito HOUAISS, A. et al. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 2531.

<sup>28</sup> A propósito das expressões gênero próximo e diferença específica pode-se consultar JOLIVET, R. *Curso de filosofia*. 11 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1972, p. 34 e seguintes.

Embora o *espírito do capitalismo* tenha elementos comuns com as normas de conduta prescritas pelo protestantismo ascético, após esse momento, ele se desprende de suas raízes religiosas, ganhou autonomia e passou a ser incorporado, ou seja, a ser expresso e manifesto através das condutas do empresário e do assalariado, do autônomo e do prestador de serviço, do trabalhador e do empreendedor, sejam eles religiosos, ateus, cristãos, budistas, judeus, muçulmanos e outros. Todos estes, quando bem sucedidos em seus afazeres, tanto na modernidade pretérita como na modernidade tardia (modernidade recente pós-modernidade ou modernidade líquida)<sup>29</sup>, se analisados atentamente, neles serão encontradas regras e práticas de condutas próprias do *espírito do capitalismo*. Aliás, muito a propósito é o seguinte pensamento de Maurício Tragtenberg:

É necessário, contudo, salientar que Weber, em nenhum momento considera o espírito do capitalismo como pura consequência da Reforma protestante. O sentido que norteia sua análise é antes uma proposta de investigar em que medida as influências religiosas participaram da moldagem qualitativa do espírito do capitalismo<sup>30</sup>.

### **Diálogo de M. Weber com B. Franklin**

Com o intuito de solidificar e exemplificar teórica e empiricamente o significado da expressão *espírito do capitalismo*, M. Weber transportou-se mentalmente aos Estados Unidos da América do Norte, país que, no seu entendimento, essa unidade histórica encontrava-se mais bem tipificada. Transportou-se mentalmente porque o autor já tinha escrito a Parte I, na qual se encontra o capítulo intitulado *O espírito do capitalismo*, quando ele viajou fisicamente aos Estados<sup>31</sup>. Neste país, estabeleceu um belíssimo e prolífico diálogo com o pensamento produzido pelo americano Benjamin Franklin (1706-1790), jornalista, filósofo e escritor, não comprometido com

---

<sup>29</sup> A expressão modernidade líquida está sendo empregada aqui no sentido usado por BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Trad. de Plínio Dentzein. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

<sup>30</sup> WEBER, M. *Textos selecionados*. Trad. de Maurício Tragtenberg et al. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Confira a apresentação do livro feita pelo tradutor Maurício Tragtenberg, p. XIV.

<sup>31</sup> Deve-se ressaltar após ter escrito a primeira parte de *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, em 1904, é que Max Weber viajou aos Estados Unidos. A “segunda parte apareceu um ano depois de sua viagem à América e revela a influência dessas suas experiências recentes”. “[...] Nos Estados Unidos ele pôde observar por todo canto os rastros vivos das origens do espírito do capitalismo moderno, e esse espírito mesmo na pureza de um “tipo ideal”, conforme nos informou Marianne Weber, sua esposa, apud WEBER M. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Trad. de José Marcos Mariani de Macedo; revisão técnica, apresentação entre outras contribuições de Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia de Letras, 2004, p. 11.

qualquer denominação religiosa. Do diálogo com B. Franklin, ele extraiu algumas máximas como capazes de tipificar a combinação ideal e real entre o moderno *ethos* econômico e a ética racional do protestantismo, resultando na unidade histórica por ele denominada *o espírito do capitalismo*.

Além de expressar muito bem a fusão do *ethos* econômico do capitalismo moderno com a ética racional do protestantismo ascético cujo resultado foi o *espírito do capitalismo*, as máximas proferidas por B. Franklin comprovam mais uma vez que a ética capitalista, conjunto de princípios, e a moral capitalista, a prática desses princípios, ganharam autonomia em relação ao protestantismo ascético e formaram, a partir dessa autonomia, a ética do capitalismo moderno, passando a normatizá-lo, quando e onde ele se implantasse, não importando a orientação religiosa, a indiferença ou o ateísmo de seus agentes, quer no campo da produção, quer da comercialização e quer do consumo dos indivíduos que com ele se relacionassem.

Eis, em síntese, algumas das máximas (sentenças morais) proferidas por Benjamin Franklin, destacadas e transcritas por Max Weber<sup>32</sup>, que expressam de forma transparente pontos de intercessão entre a ética protestante e o *espírito do capitalismo*, entre o modo pessoal e social de ser, bem como o de produzir, socializar e consumir bens, entre a formação econômica e as manifestações culturais, entre o *ethos* e a economia.

“Lembra-te de que o tempo é dinheiro”.

“Lembra-te de que o crédito é dinheiro”.

“Lembra-te de que o dinheiro é de natureza prolífica, procriativa”.

“Lembra-te deste refrão: O bom pagador é dono da bolsa alheia”.

“As mais insignificantes ações que afetem o crédito de um homem devem ser consideradas”.

“Guarda-te de pensar que tens tudo o que possúis e de viver de acordo com isto. Este é um erro em que caem muitos que têm crédito”.

“Por seis libras anuais poderás ter o uso de 100 libras, uma vez que sejas um homem de conhecida prudência e honestidade”.

“Aquele que gasta inutilmente um *groat* (velha moeda inglesa de prata) por dia, desperdiça mais de seis libras por ano, que é o preço do uso de cem libras”.

---

<sup>32</sup> WEBER M. A ética protestante e o espírito do capitalismo. 3 ed. Trad. de Irene de Q. F. Szmrecsáyi e Tomás J. M. K. Regis Barbosa Szmrecsáyi. São Paulo: Pioneira, 1983, p. 29-31.

“Aquele que desperdiça o valor de um *groat* do seu tempo por dia, um dia após o outro, desperdiça o privilégio de usar cem libras todos os dias”.

“Aquele que inutilmente perde o valor de cinco xelins, perde cinco xelins e poderá com a mesma prudência, atirar ao mar cinco xelins”.

“Gastar dinheiro à toa é como atirá-lo ao mar”.

“Aquele que perde cinco xelins, não perde somente esta soma, mas todo o proveito que, investindo-a, dela poderia ser tirado, e que durante o tempo em que um jovem se torna velho, integraria uma considerável soma de dinheiro. Perde dinheiro, perde com ele todo o seu rendimento, quando investido na juventude para ser gasto na velhice”.

A partir do diálogo de M. Weber com as sentenças construídas por B. Franklin, pode-se pensar sobre certos princípios em que as normas éticas pregadas pelos reformadores protestantes conectam-se com o *espírito do capitalismo*. Alguns destes princípios são a laboriosidade, honestidade, frugalidade e a credibilidade, conforme também já se comentou alhures<sup>33</sup>. Esses fundamentos éticos encontrados na pessoa e nas ações dos crentes, vinculados às igrejas reformadas e nos agentes econômicos, sejam empresários, assalariados, autônomos e de outras categorias socioeconômicas, foram detectados e desenvolvidos por M. Weber, especialmente, em *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*.

## **Princípios éticos e espírito do capitalismo**

### **Laboriosidade**

*“Não nos é lícito impedir que as pessoas sejam laboriosas e frugais; temos que exortar todos os cristãos a ganhar tudo quanto puderem, e poupar tudo quanto puderem; e isso na verdade significa: enriquecer”<sup>34</sup>.*

---

<sup>33</sup> A propósito das expressões laboriosidade, honestidade, frugalidade e credibilidade pode-se, igualmente, ler em SÁ, G. R. de. *Non multum sed multa: falando sobre ética*, publicado em CADERNOS – CERU, Série 2, N. 17, p. 53-67. São Paulo: CERU/USP, 2006.

<sup>34</sup> John Wesley, líder metodista, apud WEBER M. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Trad. de José Marcos Mariani de Macedo; revisão técnica, apresentação entre outras contribuições de Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia de Letras, 2004, p 160.

A laboriosidade, no contexto weberiano, é o estado de *espírito* marcado pela perene disposição e disponibilidade para se despendere energia física e mental com a finalidade de se construir algo corpóreo ou incorpóreo, real ou simbólico, próprio ou alheio. O zelo e a admiração pela virtude da laboriosidade traduzem-se na constante vigilância contra qualquer tipo de perda ou de consumo improdutivo do tempo. Com a finalidade de se enfatizar o cultivo e o culto à diligência, B. Franklin imbuído de seu pragmatismo comparou o tempo ao dinheiro. Assim como o dinheiro é de natureza prolífica, assim o é o tempo. A laboriosidade procria a diligência assim como a preguiça gera a ociosidade. O tempo procria o tempo assim como o dinheiro gera o dinheiro. Por sua vez, tanto o tempo como o dinheiro só se multiplicam quando fecundados pelo germe da laboriosidade.

A diligência do trabalhador, no desempenho de qualquer função social, além de evitar a ociosidade, acrescenta-lhe as oportunidades de acumular dinheiro, pois tempo é dinheiro. Aumenta-lhe também o crédito, porque desperta a confiança e a atenção do credor, simbolizado no banqueiro ou no seu gerente. Daí o cuidado de um homem com suas mais insignificantes ações, sobretudo, às direcionadas para a produção e a poupança. A perda de um *groat* por dia seja em moeda corrente ou em moeda tempo, por longo espaço temporal, poderá redundar em perda de oportunidade ou em *desperdício de usar cem libras todos os dias*<sup>35</sup>.

O uso produtivo do tempo disponível, o ganho do dinheiro, bem como o sucesso daí resultante, são sinais visíveis do *espírito do capitalismo*; contudo, além desses sintomas, outras condições encontram-se na raiz dessas manifestações. Entre tais condições, destacam-se a vocação e a educação, segundo escreveu M. Weber”<sup>36</sup>.

Na raiz da laboriosidade encontra-se a *vocação*. Essa se dá a conhecer através do senso de responsabilidade e da disposição para o trabalho, independentemente das condições em que ele se realize ou mesmo do salário

---

<sup>35</sup> É de grão em grão que a galinha enche o papo ou é de gota em gota que se faz um oceano ou também se esvazia uma caixa d'água, diz o senso comum brasileiro.

<sup>36</sup> “Pois aqui não se faz indispensável simplesmente um elevado senso de responsabilidade, mas também uma disposição que ao menos durante o trabalho esteja livre da eterna questão de como, com um máximo de comodidade e um mínimo de esforço, ganhar o salário de costume; e mais, uma disposição de executar o trabalho como um fim absoluto em si mesmo – como “vocação”. Mas tal disposição não está dada na natureza. E tampouco pode ser suscitada diretamente, seja por salários altos seja por salários baixos, só podendo ser produto de um longo processo educativo”. WEBER M. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Trad. de José Marcos Mariani de Macedo; revisão técnica, apresentação entre outras contribuições de Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia de Letras, 2004, p. 54.

recebido. Entretanto, ela significa muito mais do que responsabilidade e disposição, pois se revela em *uma disposição de executar o trabalho como um fim absoluto em si mesmo*. Trata-se, portanto, da realização do trabalho, como um valor espelhado nele próprio, de um valor autônomo.

Nesse contexto, pode-se afirmar que a laboriosidade compreende a realização do trabalho como vocação. Vocação que fora considerada como sinônimo de profissão, conforme o entendimento de M. Lutero e posteriormente transcrito por M. Weber. Segundo essa interpretação, o cristão serve a Deus, na vocação, ou seja, durante o desempenho da profissão, e não por meio da profissão (vocação), conforme registrou literalmente M. Weber<sup>37</sup>. Conseqüentemente, a profissão é ato de servir a Deus, e sendo o profissional um servidor de Deus, ele antecipa, aqui e agora, o convívio futuro, após a morte, com Deus. Conforme esse entendimento, o trabalho profissional deixou de ser interpretado como castigo decorrente do pecado original e passou a ser considerado pelos crentes da mesma forma que uma configuração antecipada da escolha feita por parte de Deus e, mais ainda, um dos sinais da predestinação divina e momento de salvação.

Conforme tal linha de entendimento, a remuneração recebida pelo trabalho realizado é um dos frutos, isto é, uma consequência natural e lógica da atividade realizada; mas a disposição para se trabalhar teria raízes mais profundas. Por exemplo, para os reformadores protestantes, originariamente, e os contrareformadores católicos, mais tarde, a tendência para se desenvolver com prazer uma incumbência procede de uma vocação, de uma escolha divina, obviamente. Para muitos outros, principalmente os não crentes, por sua vez, a disposição e o prazer com o trabalho procedem de uma energia interna aos indivíduos, a qual se expressa através de uma habilidade, um mérito, talento, dom ou tendência virtuosa, mas aí já se trata de uma leitura além do protestantismo ascético e do pensamento católico desenvolvido a partir da reforma empreendida pelo Concílio de Trento (1545-1563).

No entendimento weberiano, se o trabalhador, tanto em sentido amplo como em sentido mais restrito, não se dedicar às suas atividades, como se essas tivessem

---

<sup>37</sup> WEBER M. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. Trad. de José Marcos Mariani de Macedo; revisão técnica, apresentação entre outras contribuições de Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia de Letras, 2004, p. 198, nota 74. A íntegra desta nota é: "Em todo caso, para Lutero o cristão serve a Deus somente *in vocatione* {na profissão {não *per vocationem* {por meio da profissão}}.

um fim em si mesmo, ou seja, se ele não se deixar imbuir pelo *espírito do capitalismo*, não lhe bastará um alto salário ou rendimento, como estímulo. Muito pelo contrário, nessa condição, se for bem remunerado, irá trabalhar menos, porque em poucas horas de serviço já terá ganhado o suficiente para o sustento durante o dia, a semana, o mês e, excepcionalmente, até o ano todo. Também não estando imbuído pelo *espírito do capitalismo*, o baixo salário ou o rendimento de pequeno valor não estimulará o trabalhador, porque irá receber muito pouco. E recebendo pouco, ele dedicará da mesma forma menos horas do dia a seu labor, ficando o resto do tempo na ociosidade, ou pior, cultivando vícios, desperdiçando tempo e dinheiro. Seguindo o raciocínio sugerido por M. Weber, pode-se concluir que todo trabalhador tende a ser habilidoso, pelo fato de ser portador de um dom, entretanto nem todos fazem por merecer sua vocação.

A *disposição para executar o trabalho como um fim em si mesmo*, além de ser uma vocação, essa “não está dada na natureza [...] só podendo ser o produto de um longo e árduo processo educativo”, conforme já se destacou anteriormente. Trata-se obviamente aqui da educação em sentido amplo e restrito, formal e informal, humanista e técnica, ministrada em escolas especializadas, em família, nas igrejas e noutros espaços de natureza pública ou privada. A educação deverá sempre ser perpassada pelos princípios da legalidade, laboriosidade, disciplina e honestidade, buscando em todo o tempo atingir o equilíbrio e buscar a perfeição do trabalhador, habilitando-o ao desempenho dos diferentes níveis profissionais e do sucesso, inclusive, o econômico.

A educação, no contexto weberiano que é o da modernidade, não tem um ponto inicial definido e nem um término prefixado, pode e deve durar a vida toda do indivíduo, desenvolvendo, assim, de forma semelhante ao princípio da laboriosidade, um guia perene cuja função só se encerra com a morte ou a plena invalidez do trabalhador, seja ele assalariado, empresário ou autônomo<sup>38</sup>. A propósito de um caso típico de educação para o trabalho e de observância do princípio da laboriosidade, nos moldes do *espírito do capitalismo*, Max Weber citou o seguinte exemplo:

---

<sup>38</sup> A respeito da educação direcionada ao cultivo do princípio ético da laboriosidade pode-se ler em SÁ, G. R. de. *Non multum sed multa: falando sobre ética*, publicado em CADERNOS – CERU, Série 2, N. 17, p. 53-67. São Paulo: CERU/USP, 2006.

Se, a um sócio que se aposentara a fim de descansar e buscava persuadi-lo a fazer o mesmo, já que a final ganhara o bastante e devia deixar que outros por sua vez ganhassem, Jacob Fugger responde, repreendendo-o por sua “pusilanimidade”: “Ele (Fugger) tinha um propósito bem diferente, queria ganhar enquanto pudesse”<sup>39</sup>.

A *vocação*, arduamente apreendida e cultivada conforme as orientações pedagógicas, originadas do moderno *ethos*, teve sua presença muito além do sistema religioso, do espaço produtivo, do âmbito doméstico, entre outros. Seu alcance atingiu e perpassou o universo das relações sociais, incluindo o campo do lazer, do entretenimento e o dos esportes, conforme expressou M. Weber<sup>40</sup>.

A racionalização ou a transformação dos esportes, do lazer e do entretenimento em meio para se atingir fins, previamente estabelecidos, da mesma forma que a propagação do culto à laboriosidade, enquanto virtude, o que propicia a dedicação ao trabalho como um fim em si mesmo, favorece a prosperidade exteriorizada, inclusive, no ganho de dinheiro, no caso do capitalismo moderno, tanto no passado como no presente, torna-se cada vez mais visível e eficiente com o auxílio de novas descobertas científicas e avanços tecnológicos sempre mais recentes. Veja-se, por exemplo, a cultura do corpo belo, sadio, flexível e ágil, objeto de produção e de consumo, cultivado nas academias e em outros espaços, bem como as horas e horas gastas na devoção pelo tempo dedicado ao entretenimento, o que redundava em tempo de consumo para o usuário, mas de produção e comércio para o empresário<sup>41</sup>.

## Honestidade

---

<sup>39</sup> WEBER M. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Trad. de José Marcos Mariani de Macedo; revisão técnica, apresentação entre outras contribuições de Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia de Letras, 2004, p. 45.

<sup>40</sup> WEBER M. In *ibidem*, p.152, assim escreveu: Na verdade, aliás, a aversão do puritanismo ao esporte não era uma questão simplesmente de princípio, mesmo entre os quakers. Apenas devia servir a um fim racional: a necessária restauração da potência física. [...] O gozo *instintivo* da vida que em igual medida afasta do trabalho profissional e da devoção era, exatamente enquanto tal, o inimigo da ascese racional, quer se apresentasse na forma de esporte “grã-fino” ou, da parte do homem comum, como frequência a salões de baile e tabernas.

<sup>41</sup> A propósito da racionalização dos esportes, do lazer e do entretenimento pode-se consultar, da mesma forma, SÁ, G. R. de. *Sóciofilosofia da educação física*. Juiz de Fora (MG): UFJF/ FAEFID/ NUPEMH, 1995, p. 91.

*“Finalmente me convenci de que a verdade, honestidade e franqueza no trato entre os humanos são da mais alta importância para nossa felicidade [...] recomendadas porque são benéficas”<sup>42</sup>.*

A honestidade refere-se, neste momento, tanto à integridade moral quanto à observância dos preceitos legais, ou até mesmo ao cumprimento da pura “formalidade legal”<sup>43</sup>, inclusive, entre as pessoas dotadas de mentalidade puritana. Trata-se, ainda, da honestidade que se deixa perpassar por objetivos profundamente utilitários, pois, conforme as máximas de B. Franklin citadas há pouco, ser honesto facilita a obtenção cada vez maior do crédito moral, perante os mais próximos e também diante da sociedade como um todo, além de propiciar essencialmente o acesso ao crédito financeiro, a ser obtido junto do banqueiro ou de seus gerentes. No entanto, não basta ser honesto, pontual e econômico, é necessário também demonstrar pelas aparências o cultivo dessas virtudes, isto é, comprovar a honestidade como um todo, através da feitura de cadastros pessoais, por exemplo.

Além de ser e parecer, o homem honesto é também um indivíduo equilibrado fundamentalmente em suas receitas e despesas ou ainda no desempenho de suas atitudes morais. A honestidade é uma virtude e, como toda virtude, tem seu ponto de equilíbrio localizado num meio termo. Se pecar pelo excesso ou pelo mínimo, a honestidade torna-se condenável e improdutiva, porque fomenta demasiadamente o escrúpulo ou a sua falta, o que pode tolher as iniciativas do agente econômico, paralisando-o no tempo e no espaço. Nesse sentido, inclusive, foi o pensamento de M. Weber<sup>44</sup>.

A honestidade, quando cultivada, vivida e demonstrada de forma equilibrada transforma-se na “melhor política”,<sup>45</sup> ou seja, em aumento de confiança e poder de convencimento do cliente, perante o banqueiro e seus gerentes os quais, com certeza, aumentar-lhe-ão o crédito. Maior crédito significa maiores investimentos, maior produção, maior consumo, maior lucro, ou seja, mais dinheiro.

---

<sup>42</sup> WEBER M. A ética protestante e o “espírito” do capitalismo. Trad. de José Marcos Mariani de Macedo; revisão técnica, apresentação entre outras contribuições de Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia de Letras, 2004, p. 174-175 (Nota número 29).

<sup>43</sup> Idem, ibidem, p. 137.

<sup>44</sup> Idem, ibidem, p. 45-46, manifestou-se através dos termos seguintes: “No fundo, todas as advertências morais de Franklin são de cunho utilitário: a honestidade é útil porque traz crédito, e o mesmo se diga da pontualidade, da presteza, da frugalidade também, e é por isso que são virtudes: donde se conclui, por exemplo, entre outras coisas, que se a aparência da honestidade faz o mesmo serviço, é o quanto basta, e um excesso desnecessário de virtude, haveria de parecer, aos olhos de Franklin, um desperdício improdutivo condenável”.

<sup>45</sup> Idem, ibidem, p. 137.

Nas igrejas reformadas, a prática religiosa sempre foi marcada pela frequência aos cultos, observância dos rituais, cumprimento dos preceitos, pela maneira de vestir, cuidar do cabelo, andar exibindo a bíblia, educar os filhos e outras formas disciplinares típicas. Tal prática religiosa ergue-se como base, cumplicidade e testemunho da própria honestidade do fiel, conferindo-lhe um *plus*, além da “honestidade mundana”<sup>46</sup> encontrada, inclusive, entre cristãos de outras igrejas e no meio do comum dos mortais, quando há coerência entre a honestidade como valor e a honestidade como prática.

## Frugalidade

*“Em compensação, verdadeiro clarão de aprovação ética envolve o sóbrio self made man burguês: God blesseth his trade [Deus abençoe o seu negócio]” [...] <sup>47</sup>.*

O substantivo frugalidade origina-se do latim “frugalitas, - tatis”<sup>48</sup>. Em sentido próprio significa boa colheita de frutos. Em sentido figurado quer dizer moderação, temperança, sobriedade. Aproximando o sentido próprio (boa colheita) do sentido figurado (temperança) pode-se entender com mais clareza a conexão de sentido detectada e elaborada por M. Weber entre a religiosidade ensinada e praticada pelos fiéis imbuídos das virtudes inerentes às igrejas originárias da Reforma Protestante e a mentalidade capitalista. Mentalidade muito bem exteriorizada em normas pragmáticas, conforme foram expostas por B. Franklin. Nessas condições, com certeza a boa colheita sucederá à temperança.

A boa colheita pode muito bem manifestar-se, igualmente, através da ascensão socioeconômica, dos bons negócios, do bem estar do corpo e da alma, da paz de consciência e de outras formas de expressão do sucesso. A temperança, raiz da boa colheita, ganha forma desde o relacionamento com o próprio corpo, por exemplo, o controlar-se e não se deixar guiar pelos vícios, conforme registrou M. Weber: “Além desses sete sinais principais [pelos quais se reconhece qual é a Igreja certa], existem outros, *mais exteriores*, nos quais se reconhece a santa Igreja cristã

---

<sup>46</sup> WEBER M. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Trad. de José Marcos Mariani de Macedo; revisão técnica, apresentação entre outras contribuições de Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia de Letras, 2004, p. 119.

<sup>47</sup> Idem, *ibidem*, p. 149.

<sup>48</sup> FARIA, E. *Dicionário escolar latino-português*. 6. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1991, p. 231.

[...] se não somos obscenos e bêbados, orgulhosos, insolentes, vaidosos, mas castos, modestos [...] e sóbrios”<sup>49</sup>.

A frugalidade compreende, da mesma forma, o alimentar-se com parcimônia, o dormir apenas o tempo necessário para a recuperação das forças físicas e mentais, até ao relacionamento com os bens materiais e simbólicos, sobretudo, com o dinheiro recebido. Quando se cultiva e cultua a virtude da temperança, busca-se permanentemente o equilíbrio entre o consumo e os rendimentos pessoais, advindos, por exemplo, do salário e de outras fontes de renda. A parcimônia dos gastos equilibra receitas e despesas, gera excedente (boa colheita) para ser aplicada com a finalidade de gerar mais lucros ou dividendos.

O trabalho e a temperança, aliados ao investimento, com certeza, irão gerar cada vez mais dinheiro, o que redundará no crescimento das riquezas em sua totalidade. “O poder da ascese religiosa, além disso, punha à sua disposição trabalhadores sóbrios, conscienciosos, extraordinariamente, eficientes e aferrados ao trabalho como se finalidade de sua vida, querida por Deus”<sup>50</sup>. Confirmando, outra vez, as conexões de sentido existentes entre os desdobramentos do cristianismo reformado e os princípios da laboriosidade, frugalidade e do enriquecimento, M. Weber apresentou o seguinte destaque:

Escreveu ele (John Wesley – Líder metodista). Religião, com efeito, deve necessariamente gerar, seja laboriosidade (*industry*), seja frugalidade (*frugality*), e estas não podem originar senão riqueza. [...] Não nos é lícito impedir que as pessoas sejam laboriosas e frugais; *temos que exortar todos os cristãos a ganharem tudo quanto puderem; e isso na verdade significa enriquecer*<sup>51</sup>.

Enquanto raiz da boa colheita, a frugalidade multiplica sua eficácia, principalmente, quando aliada a outras virtudes como a presteza, a pontualidade e a retidão praticadas pelas pessoas em todos os seus negócios. O termo “negócios” deve ser entendido aqui em sentido bem abrangente, compreendendo relacionamentos consigo próprio e com os outros, mas especialmente durante a troca de dinheiro por dinheiro ou ainda de bens e serviços por dinheiro e vice-versa.

---

<sup>49</sup> WEBER M. A ética protestante e o “espírito” do capitalismo. Trad. de José Marcos Mariani de Macedo; revisão técnica, apresentação entre outras contribuições de Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia de Letras, 2004, Nota 74, p. 198.

<sup>50</sup> Idem, ibidem, p. 161.

<sup>51</sup> John Wesley, apud WEBER M. A ética protestante e o “espírito” do capitalismo. Trad. de José Marcos Mariani de Macedo; revisão técnica, apresentação entre outras contribuições de Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia de Letras, 2004, p. 159-160.

A propósito da aliança da frugalidade com outras virtudes escreveu M. Weber: “A par da presteza e frugalidade, nada contribui mais para um jovem subir na vida do que pontualidade e retidão em todos os seus negócios. Por isso, jamais retenhas dinheiro emprestado uma hora a mais do que prometeste, para que tal dissabor não te feche para sempre a bolsa de teu amigo”<sup>52</sup>.

Outro momento de aproximação entre o sentido próprio e o sentido figurado do termo frugalidade acontece em benefício da produtividade, uma das características da produção no capitalismo moderno. Na produtividade, mede-se a “relação entre a quantidade ou o valor produzido e a quantidade ou valor dos insumos aplicados à produção”<sup>53</sup>. com a finalidade de se conhecer o montante do prejuízo ou do ganho. O ganho simboliza muito bem a boa colheita.

Para se conseguir a boa colheita, uma das virtudes fundamentais é a sobriedade, entendida também como um permanente e rigoroso espírito de poupança, associado ao cálculo do valor dos insumos e o do valor dos produtos. A sobriedade também favorece a capacidade de concentração mental, um severo domínio de si. Todas essas virtudes quando somadas e, sobretudo, combinadas “elevam de maneira excepcional a produtividade”, segundo escreveu M. Weber<sup>54</sup>.

## Credibilidade

*“A verdadeira piedade favorece o acesso do comerciante garantindo-lhe a integridade e fomentando hábitos de prudência e de providência – itens importantes para obter aquela reputação e aquele crédito no mundo do comércio que são requisitos para a acumulação estável de riquezas”<sup>55</sup>.*

A palavra credibilidade conforme registram os dicionários origina-se do latim tardio *credibilitas-tatis*<sup>56</sup>, que significa qualidade do que ou de quem é crível, confiável. Uma pessoa confiável é alguém em quem se deposita confiança, por isso

---

<sup>52</sup> WEBER M. A ética protestante e o “espírito” do capitalismo. Trad. de José Marcos Mariani de Macedo; revisão técnica, apresentação entre outras contribuições de Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia de Letras, 2004, p. 43.

<sup>53</sup> HOUAISS, A. et al. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 2304.

<sup>54</sup> WEBER M. A ética protestante e o “espírito” do capitalismo. Trad. de José Marcos Mariani de Macedo; revisão técnica, apresentação entre outras contribuições de Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia de Letras, 2004, p. 43.

<sup>55</sup> Idem, ibidem, p. 174. Nota 302.

<sup>56</sup> HOUAISS, A. et al. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 864.

se pode lhe emprestar algo, algo como o dinheiro, por exemplo. Na sociedade moderna, uma sociedade naturalmente muito complexa, conforme já se sabe, a especialização de funções é quase infinita, porém dentre tais funções destacam-se duas: a dos empreendedores e a dos investidores.

No meio dos empreendedores, diferenciam-se os empresários e, entre os investidores, ganham notoriedade os banqueiros. Entre os empreendedores sobram iniciativas e às vezes falta-lhes o dinheiro. Entre os banqueiros o dinheiro é abundante e às vezes falta-lhes espírito empreendedor. Quando lhe falta dinheiro, o empreendedor procura pelo banqueiro, o qual lhe empresta a quantia necessária, observando normas contratuais, é óbvio, com a finalidade de iniciar, dar continuidade ou mesmo ampliar o respectivo empreendimento.

As relações desenvolvidas entre o empreendedor e sua empresa com o banqueiro e seu banco, entretanto, não são tão simples como parecem. O banqueiro, através de seu banco, ao emprestar a quantia solicitada pelo empreendedor, calcula o lucro que lhe virá sob a forma de juro, os riscos do empréstimo, ou seja, ele pondera o nível de confiança do seu credor, o empresário.

O empresário, empreendedor, por sua vez, irá calcular as vantagens e desvantagens de sua dívida, como o lucro de sua empresa, os juros a serem pagos ao banco e assim por diante. Por seu lado, o empresário empreendedor deve apresentar ao banqueiro como uma pessoa digna de confiança, ou seja, habilitar-se perante o banco, do qual se tornará devedor. Noutros termos, o tomador de empréstimo deve comprovar seu nível de credibilidade perante seu credor. Sem confiabilidade não há crédito.

O cultivo e o culto da confiabilidade erigiram-se em um dos princípios éticos fundamentais das relações sociais cotidianas, sobretudo, as de caráter econômico, conforme se exemplificou, há pouco. A consolidação da credibilidade como princípio ético mediador das relações sociais capazes de gerar riquezas e ricos, no capitalismo moderno, encontrou suas raízes, conforme já se afirmou, nas práticas incentivadas pelas igrejas protestantes.

Algumas das máximas construídas por B. Franklin e certos comentários acrescentados por M. Weber elucidaram determinadas conexões de sentido existentes entre o princípio ético da credibilidade e o *espírito do capitalismo*. Esse princípio foi alçado à condição de norma de conduta para o relacionamento entre o

credor e o devedor, seja no cotidiano das relações sociais seja especificamente entre o banqueiro e seu cliente, por exemplo.

A confiança é uma virtude moral e como tal não se pode medi-la. Não existe confiança maior ou menor. Não há um meio termo, portanto, confia-se ou se desconfia de alguém. O dinheiro, por outro lado, é mensurável, pois é uma mercadoria, uma mercadoria muito especial, porque é possível de ser trocada por todas as outras mercadorias.

Quando B. Franklin disse que *o crédito é dinheiro*, ele estava proclamando que a confiança, por si mesma, antecipa o dinheiro, e sendo imensurável, ela garante ao seu portador a certeza da obtenção de dinheiro e em quantia maior ou menor conforme o nível de confiabilidade que ele possa comprovar perante seu credor, seja um banco ou uma pessoa física. A confiabilidade é certeza de ter dinheiro emprestado. Por outro lado, nem sempre ter dinheiro significa possuir crédito. Conforme as circunstâncias, o valor simbolizado pelo crédito é considerado superior ao próprio dinheiro, daí o refrão: *O bom pagador é dono da bolsa alheia*. Entretanto, ser dono da bolsa alheia, de forma alguma, deve ser motivo de orgulho, vã glória, preguiça e acomodação, de conformidade com a exemplificação de M. Weber:

As mais insignificantes ações que afetam o crédito de um homem devem ser por ele ponderadas. As pancadas de teu martelo que teu credor escuta às cinco da manhã ou às oito da noite o deixam seis meses sossegado; mas se te vê à mesa do bilhar ou escuta tua voz numa taberna quando devias estar a trabalhar, no dia seguinte vai reclamar-te o reembolso e exigir seu dinheiro antes que o tenha à disposição, duma vez só <sup>57</sup>.

A virtude da confiança também não está dada pela natureza, isto é, ela não nasce pronta, mas é cultivada pela educação permanente, pelo trabalho honesto e contínuo, pela vigilância incansável e cotidiana contra as solicitações provocadas pelos vícios de todas as ordens.

## **Aproximações de M. Weber com outros autores <sup>58</sup>**

---

<sup>57</sup> Conforme B. Franklin, apud WEBER M. A ética protestante e o “espírito” do capitalismo. Trad. de José Marcos Mariani de Macedo; revisão técnica, apresentação entre outras contribuições de Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia de Letras, 2004, p. 43-44:

<sup>58</sup> Alguns aspectos desse tópico já foram desenvolvidos também por SÁ, G. R. de. Non multum sed multa: falando sobre ética, publicado em CADERNOS – CERU, Série 2, N. 17, p. 53-67. São Paulo: CERU/USP, 2006.

Anteriormente à publicação de *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*, autores como K. Marx já tinha detectado o que se denominou *o espírito protestante*, em decorrência da aplicação de punições mais severas aos pobres.

*O espírito protestante* objetivou-se, conforme esse autor, em dois momentos. O primeiro se deu com a expropriação dos camponeses de suas terras na Inglaterra, durante o curso do fim do século XIV, mais ainda no século XV e inícios do século XVI, quando apareceram, com efeito, as primeiras cadeias paroquiais. O segundo momento acontece principalmente com a promulgação da designada “legislação sanguinária contra os expropriados”<sup>59</sup>, desenvolvida, sobretudo, na indústria, ou mais especificamente contra os pobres que não se adaptavam à nova maneira de trabalhar, de produzir bens, incluindo nesses o próprio sustento. Essa legislação surgiu em quase toda a Europa Ocidental, no fim do século XV e no decurso do século XVI, tendo começado na Inglaterra durante o reinado de Henrique VII, destinada especialmente ao combate contra “vadiagem”<sup>60</sup>.

Muito mais tarde, já na primeira metade do século XX, o filósofo, jornalista e militante político italiano, Antônio Gramsci (1891-1937) também encontrou e fez a descrição de vários componentes disciplinares presentes na Contrarreforma Católica, empreendida pelo Concílio de Trento (1545-1563), semelhantes ao do *protestantismo ascético*. Tais componentes disciplinares, no entendimento de A. Gramsci, foram instituídos e levados a efeito por intervenção, principalmente, da Companhia de Jesus (jesuítas) fundada por Santo Inácio de Loyola. Este autor fez referências aos mencionados elementos disciplinares, quando estudou a indústria automobilista norte-americana, denominando-os de *americanismo e fordismo*, conforme se pode constatar, através da citação seguinte:

---

<sup>59</sup> Nota 60 Veja-se a propósito MARX. K. O capital: crítica da economia política. Vol. II. Trad. de Reginaldo Sant’Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 831-859, nas quais se encontram o tópico 2- EXPROPRIAÇÃO DOS CAMPONESES e o tópico 3 - LEGISLAÇÃO SANGUINÁRIA CONTRA OS EXPROPRIADOS, A PARTIR DO SÉCULO XV. LEIS PARA REBAIXAR OS SALÁRIOS.

<sup>60</sup> Conforme a legislação penal brasileira, a vadiagem é definida nos seguintes termos: “Entregar-se alguém habitualmente à ociosidade, sendo válido para o trabalho, sem ter renda que lhe assegure meios bastante de subsistência, ou prover a própria subsistência mediante a ocupação ilícita: Pena – prisão simples, de 15 (quinze) dias a 3 (três) meses”. BRASIL, Presidência da República. Decreto-lei n. 3. 688, de 3- 10- 1941(Lei das Contravenções Penais). Diário Oficial da União, de 13- 10- 1941. Pode-se também consultar, a propósito do mesmo tema, SÁ, G. R. de. A prisão dos excluídos: origens e reflexões sobre a pena privativa de liberdade. Rio de Janeiro/ Juiz de Fora (MG): Diadorim/ UFJF, 1996, p. 15-24.

Ligado ao álcool, está o problema sexual: o abuso e a irregularidade das funções sexuais é, depois do alcoolismo, o inimigo mais perigoso das energias nervosas, e observa-se comumente que o trabalho “obsessivo” provoca depravação alcoólica e sexual. As tentativas de Ford de intervir, com um corpo de inspetores, na vida privada de seus dependentes e de controlar a maneira como gastavam os salários e o seu modo de viver, são um indício destas tendências “privadas” ou latentes, que podem se tornar, num determinado ponto, ideologia estatal, amparando-se no puritanismo tradicional, apresentando-se como um renascimento da moral dos pioneiros, do “verdadeiro” americanismo, etc.<sup>61</sup>.

Na segunda metade do século XX, Michel Foucault (1926-1984), ao descrever a sociedade disciplinar, referiu-se especialmente ao poder transformador das disciplinas exercido sobre os corpos humanos, transformando-os em dóceis e úteis para os objetivos institucionais e sociais, ao serem adestrados, sobretudo, nos *conventos, nos exércitos e nas oficinas*<sup>62</sup>. Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar “as disciplinas”. Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação.

Com certeza, pelo menos implicitamente, M. Foucault neste momento estava dialogando com o pensamento de M. Weber a propósito da *ascese protestante*. Na mesma ocasião, o próprio autor afirmou que esses métodos e técnicas disciplinares, durante os séculos XVII e XVIII, transformaram-se em fórmulas gerais de dominação, presentes de forma capilar na sociedade como um todo e de maneira ora mais e ora menos visível em suas instituições, como a família, a escola, a fábrica, o quartel, as igrejas, as prisões e assim por diante.

Já no final do século XX, o cientista político norte-americano, Francis Fukuyama, nascido em 1952, em entrevista concedida à *Folha de São Paulo*, de 24-10-1993, detectou semelhanças entre a ascese secular e os elementos

---

<sup>61</sup> GRAMSCI, A. *Maquiavel, a política e o estado moderno*. Trad. de Luiz Mário Gazzneo. 7 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984, p. 298. O capítulo denominado pelo autor por Americanismo e fordismo encontra-se entre as páginas 375-413 deste livro. Veja-se também GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p. 77 e 99.

<sup>62</sup> FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Trad. de Lígia Mário M. Ponde Vassallo. Petrópolis (RJ): Vozes, 1977, p. 126. Este autor escreveu textualmente: “Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar “as disciplinas”. Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação”.

componentes do *espírito do capitalismo* com a forma de ascese igualmente secular, instituída pelo budismo japonês, principalmente a partir da reforma liderada por Suzuki<sup>63</sup>.

No final dos anos de 1970, quando Deng Xiaoping (1904-1997) pronunciou a célebre frase *ser rico é glorioso* ou ainda *alguns de nós ficarão ricos antes*,<sup>64</sup> com certeza, o líder político chinês deixou transparecer seu *espírito* capitalista, mesmo à frente do governo de um país oficialmente comunista. Além do espírito capitalista, ele confessava, inclusive, ser portador de uma *ética* muito especial inerente à mentalidade capitalista. A riqueza elevou-se ao status de virtude a ser atingido pelas pessoas mais laboriosas, empreendedoras, poupadoras, honestas e, portanto, confiáveis. Nem todos, mas apenas alguns se tornariam ricos antes, ou seja, apenas os mais virtuosos, embora todos fossem predestinados a este sublime momento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

M. Weber, ao indagar sobre os elementos culturais estruturantes da sociedade moderna, deteve-se especialmente em três componentes: o lugar (ocidente), a religião (ética) e o econômico (espírito do capitalismo).

No ocidente, foram destacados alguns ícones da modernidade como a racionalidade, o cálculo, a política, o Direito, o Estado, a arte, a ciência, a técnica, a religião, a tendência à universalidade, entre outros elementos. Esses componentes já existiam em outros lugares, por exemplo, as ciências experimentais já eram conhecidas dos chineses, a previsão já era praticada pelos faraós egípcios, o direito racional já era conhecido dos romanos, e assim por diante. Entretanto, tais componentes estavam dispersos. No ocidente europeu, eles e muitos outros se juntaram e combinaram, dando origem a uma nova individualidade histórica: a *moderna civilização ocidental*.

---

<sup>63</sup> FUKUIAMA, F. em Obsessão é a ferramenta dos japoneses. *Folha de São Paulo*. Folha da Manhã S/A, 24-10-1993, Cad. 3, p. 6, escreveu sobre os princípios componentes da reforma empreendida por Suzuki com os seguintes termos: “Suzuki ensinava que a pessoa podia atingir o estágio de iluminação sem se retirar do mundo, levando à perfeição as tarefas mais comuns: plantar arroz, aplinar uma tábua. Essa linhagem budista, que só existe no Japão, foi comparada à santificação puritana das vocações deste mundo, vista como chave da revolução capitalista dos séculos XVI e XVII”.

<sup>64</sup> PAIVA, M. C. Ser rico é glorioso. *Folha de São Paulo*. Folha da Manhã S/A, 21-04-2014, p. A12.

A religião também sempre foi um dos fatos sociais encontrados em todos os agrupamentos humanos, porém no ocidente europeu, M. Weber deteve-se em duas manifestações religiosas muito especiais: o catolicismo, cultivado particularmente pelas ordens religiosas fundadas por São Bento, Santo Inácio de Loyola, São Francisco, entre outras, e o protestantismo cultivado pelos primeiros reformadores, com destaque de Calvino e Lutero. Nas duas manifestações religiosas, o autor destacou suas atividades espirituais de devoção, mortificação e meditação conhecidas pelo nome de ascese.

Em ambas, a ascese convertia-se em normas de conduta, princípios orientadores da vida, ou seja, numa ética. Enquanto a ascese católica tendia a afastar seus fiéis da vida secular para aproximá-los de Deus, a ascese protestante tendia a inserir seus crentes na vida cotidiana, sobretudo através do ensino técnico, do trabalho profissional, entre outras formas de secularização. No exercício profissional, os crentes se reconheciam como escolhidos ou chamados por Deus. A vocação, como sinônimo de profissão, convertia-se em presença de salvação. A ascese católica inclinava-se para considerar as atividades espirituais (os ofícios) como superiores ao trabalho braçal, pois muitos o tinham como um castigo divino, em decorrência do pecado original cometido por Adão e Eva. A ascese protestante tendia a ler toda e qualquer atividade seja a oração ou o trabalho como um sinal de salvação.

O econômico foi detectado e analisado sob o ponto de vista da mentalidade de seus agentes, denominada *espírito do capitalismo*. Na exemplificação da mentalidade típica, o autor em estudo, escolheu a figura de B. Franklin, por causa de suas sentenças morais como: *Lembra-te de que tempo é dinheiro*, dentre muitas outras. M. Weber descobriu profundas conexões de sentido existentes entre a ascese das igrejas reformadas e a mentalidade capitalista expressa pelo pragmatismo de B. Franklin contido em suas máximas. O cientista social alemão esclareceu ainda que este norte-americano típico não era comprometido com nenhuma instituição religiosa, mas nem por isso deixou de cultivar, sem o saber, princípios éticos protestantes.

A preocupação central de M. Weber, demonstrada com a obra *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo* e também com outros livros como *Economia e sociedade*, sobretudo, no Capítulo V- Sociologia da religião, fora a comprovação de que o capitalismo moderno, não apenas como modelo econômico, mas também

como expressão cultural, era portador de uma ética especial. O capitalismo e seus princípios éticos constituíram-se no ocidente, mas onde quer que eles se façam presentes, suas características estruturais os acompanharão. Para o autor o processo de ocidentalização do mundo, com as devidas características locais, seria universal e historicamente inevitável.

A ética, no entendimento de M. Weber articula indivíduos, grupos e classes sociais, orientando os agentes de todos os níveis, durante o exercício de suas ações, sobretudo, as de natureza econômica, para que busquem permanentemente o equilíbrio em suas atividades. Um equilíbrio, por exemplo, entre a produção e o lucro, a quantidade e a qualidade dos bens, o consumo e a poupança, o lazer e o trabalho, o profano e o sagrado, este mundo e o outro mundo, o tempo e a eternidade, a predestinação e o livre arbítrio. O excesso de ganância gera a avareza. O consumo exagerado conduz ao descrédito. O tempo de lazer, além do necessário, leva à preguiça e essa à ociosidade, a mãe de todos os vícios. À luz da ética, ganhar dinheiro, na ordem capitalista moderna, é sinal de salvação, de predestinação divina, aqui e agora.

## REFERÊNCIAS

- ÁVILA, F. B. de. *Pequena enciclopédia de moral e civismo*. Rio de Janeiro: Departamento Nacional de Educação e Cultura/ Companhia Editora Nacional, 1967.
- BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Trad. de Plínio Dentzein. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BENTO, São. *A regra de São de São Bento*. 2 ed. Trad. de D. João Evangelista Enout. O. S. B. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1980.
- BÔA NOVA, A. C. *Fora da ordem: do claustro ao mundo secular*. São Paulo: Cuore, 2013.
- BOTTOMORE, T. *Dicionário do pensamento marxista*. Trad. de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- BRASIL, Presidência da República. Decreto-lei n. 3. 688, de 3- 10- 1941(Lei das Contravenções Penais). *Diário Oficial da União*, de 13- 10- 1941.
- COHN, G. *Weber: sociologia*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Crítica e resignação: os fundamentos da sociologia de Max Weber*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

ENGELS, F. *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. Trad. de Armandina Venâncio. 7 ed. São Paulo: Global, 1985.

FARIA, E. *Dicionário escolar latino-português*. 6 ed. Rio de Janeiro: FAE, 1991.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Trad. de Lígia Mário M. Ponde Vassallo. Petrópolis (RJ): Vozes, 1977.

FUKUIAMA, F. Obsessão é a ferramenta dos japoneses. *Folha de São Paulo*. Folha da Manhã S/A, 24-10-1993, Cad. 3, p. 6.

GRAMSCI, A. *Maquiavel, a política e o estado moderno*. Trad. de Luiz Mário Gazzneo. 7 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

\_\_\_\_\_. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

HOUAISS, A. et al. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IANNI, O. *A sociedade global*. 12 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

JOHNSON, Allan G. *Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica*. Trad. de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

JOLIVET, R. *Curso de filosofia*. 11 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1972.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. Vol. II. Trad. de Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MARX, K. & ENGELS, F. *O manifesto comunista*. Trad. de Maria Arsênio da Silva. 16. ed. São Paulo: CHED, 1980.

PAIVA, M. C. Ser rico é glorioso. *Folha de São Paulo*. Folha da Manhã S/A, 21-04-2014, p. A12.

SÁ, G. R. de. *A prisão dos excluídos: origens e reflexões sobre a pena privativa de liberdade*. Rio de Janeiro/ Juiz de Fora (MG): Diadorim/ UFJF, 1996,

\_\_\_\_\_. *Ética, política e valores*. XXII CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI. SÃO PAULO: 13 a 16 de novembro de 2013.

\_\_\_\_\_. *Non multum sed multa: falando sobre ética*. CADERNOS – CERU, Série 2, N. 17, p. 53-67. São Paulo: CERU/USP, 2006.

\_\_\_\_\_. *Sócio-filosofia da educação física*. Juiz de Fora (MG): UFJF/ FAEFID/ NUPEMH, 1995.

TAWNEY, R. H. *A religião e o surgimento do capitalismo*. Trad. de Janete Meiches. São Paulo: Perspectiva S. A, 1971.

WEBER M. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Trad. de José Marcos Mariani de Macedo; revisão técnica, apresentação entre outras contribuições de Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia de Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Trad. de Irene de Q. F. Szmrecsáyi e Tomás J. M. K. Regis Barbosa Szmrecsáyi. São Paulo: Pioneira, 1983.

\_\_\_\_\_. *Economia e sociedade*. V. I. Trad. de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: UNB, 1991.

\_\_\_\_\_. *Textos selecionados*. Trad. e apresentação de Maurício Tragtenberg et al. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

\_\_\_\_\_. *Ensaio de sociologia*. (Org.) Hans Gerth e C. Wright Mills. 2 ed. Trad. de Fernando Henrique Cardoso. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

\_\_\_\_\_. *Ciência e política: duas vocações*. Trad. de Leônidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota. Pref. de M. T. Berlinck. São Paulo: Cultrix, 1985.